

ONDE ESTÁ A FORMAÇÃO LÚDICA DA AUXILIAR DE CLASSE? O GATO COMEU?

Anne Caroline dos Santos Souza¹

Ana Paula Silva da Conceição²

Margarete de Souza Conrado³

RESUMO

Este trabalho é o relato de experiência da finalização do Tirocínio docente, realizado no segundo semestre de 2024, no Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus-I, como componente curricular do mestrado em Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC/UNEB). O Tirocínio de co-docência foi desenvolvido no componente curricular de Ludicidade e Educação, que contribuiu como inspiração para pensar sobre a formação lúdica para as auxiliares de classe, profissional que no município de Salvador tem o nome de Auxiliar de desenvolvimento infantil (ADI) ou profissional de apoio escolar (PAE). Assim sendo, esta experiência potencializou as discussões na pesquisa de mestrado, que tem como objetivo geral: compreender a formação continuada em exercício na construção de saberes profissionais com as auxiliares de desenvolvimento infantil. Desta forma, percebeu-se a necessidade de fomentarmos na formação continuada da auxiliar de classe, as vivências para uma prática lúdica, que tenha como princípio o olhar sobre o corpo que brinca (seu - Auxiliar de classe e da criança), seus sentidos e significados, ritmos e movimentos, que valorize e respeite as fases de desenvolvimento das crianças, na faixa etária compreendida entre 0 a 6 anos. Nessa perspectiva, teremos como referencial teórico as obras de Paulo Freire, Cipriano Luckesi, Kishimoto, Huizinga, dentre outros autores que serão referenciados ao longo do texto e como opção metodológica a abordagem qualitativa do tipo exploratória e pesquisa-ação, buscando assim ampliar as pesquisas para e com profissionais da educação, como as Auxiliares de classe, almejando contribuir nos debates sobre formação continuada e na prática pedagógica destes/as profissionais.

Palavras-chave: Ludicidade, Formação Continuada, Auxiliar de Classe.

CORPOS QUE BRINCAM, SABERES QUE SE TECEM

Pensando na vida formação e nas vivências como um aprendizado, apresento este relato de experiência, baseado no tirocínio de co-docência desenvolvido como componente curricular obrigatório no curso de Mestrado em Educação e Contemporaneidade, no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEduC da Universidade do Estado da Bahia. O componente curricular no qual o tirocínio foi realizado, é o de Ludicidade e Educação no departamento de Educação no campus - I, com estudantes do curso de Pedagogia de agosto a dezembro de 2024.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC) da Universidade do Estado da Bahia - BA, annecaroline674@gmail.com;

² Doutora em Educação, Professora titular da Universidade do Estado da Bahia - BA apsconceicao@uneb.br;

³ Doutora em Educação, Professora adjunta na Universidade do Estado da Bahia - BA, mconrado@uneb.br.

A pesquisa de mestrado ainda em andamento ao qual está vinculado a experiência do tirocínio, tem como objetivo geral compreender a formação continuada em exercício na construção de saberes profissionais pelas Auxiliares de Desenvolvimento Infantil - ADI como são nomeadas as Auxiliares de classe aqui em Salvador. Sendo assim, penso em unir nesse texto a experiência do tirocínio de co-docência com a experiência do mestrado e refletir sobre uma formação com as auxiliares de classe na perspectiva da ludicidade.

A profissão de auxiliar de classe está diretamente ligada ao início dos primeiros registros sobre as instituições de Educação Infantil no Brasil. Segundo Oliveira (2012) as instituições de educação infantil tinham um viés assistencialista e higienista no qual a principal função era cuidar das crianças enquanto seus responsáveis trabalhavam e também de reduzir a mortalidade infantil no qual acreditava-se na época ser causada por falta de higiene e falta de cuidados adequada nos lares de famílias de baixa renda.

Nessa perspectiva, para trabalhar nas instituições de Educação Infantil eram contratadas mulheres, que geralmente tinham experiências pessoais com crianças pequenas através da maternidade ou com irmãos menores para desenvolver atividades como banho, sono e alimentação, segundo aponta Cerisara (2002). Bastava ser mulher, pois acreditava-se que tais atividades eram inatas ao público feminino não necessitando de formação específica para atuação com crianças pequenas.

Com a promulgação da LDB/96 e a inserção da Educação Infantil na Educação Básica veio também a obrigatoriedade de profissionais da Educação Infantil ter formação em pedagogia ou magistério. Em Salvador, capital da Bahia, as auxiliares de classe que trabalhavam sem formação específica, receberam colegas em classe com a formação em nível superior que cuidavam dos aspectos *pedagógicos* e elas continuariam a cuidar dos aspectos que sempre cuidaram: higiene, sono e alimentação.

Pensando em todo esse contexto histórico, e compreendendo a auxiliar de classe como profissional da Educação Infantil e que na Educação Infantil não podemos separar o tripé: cuidar, educar e brincar, este artigo propõe refletir sobre as necessidades e as possibilidades da construção de processos formativos com as auxiliares de classe na perspectiva da ludicidade, considerando corpo, movimento e brincadeiras como dimensões fundamentais do trabalho pedagógico na educação infantil.

Compreendemos que formar auxiliares para o trabalho com o lúdico não significa apenas instrumentalizá-las com repertórios de jogos e atividades a serem aplicados mecanicamente, mas promover reflexões críticas sobre a infância, o brincar e o papel do adulto mediador, resgatar e valorizar suas próprias memórias e saberes lúdicos, desenvolver

sensibilidade para observar e compreender as múltiplas linguagens através das quais as crianças se expressam, e construir postura que reconheça a ludicidade não como momento específico da rotina, mas como dimensão constitutiva da existência infantil.

Para fundamentar essas discussões dialogamos com autores como Kishimoto (1998; 2011) e Huizinga (2007) que abordam o brincar, jogo e a cultura lúdica, Luckesi (2014) e Ferreira (2020) que abordam a dimensão do lúdico e formação, Oliveira (2012) que pesquisa as infâncias e a formação para profissionais da Educação Infantil, dentre outros autores que serão referenciados ao longo do texto, mantendo uma perspectiva freiriana que defende uma formação dialógica e reflexiva. Como caminho investigativo teremos uma pesquisa qualitativa, de abordagem exploratória e pesquisa-ação.

REFERENCIAL TEÓRICO

No cotidiano das Instituições de Educação Infantil, os momentos de maior interação e expressividade entre as crianças são os momentos com brinquedos e brincadeiras, que ocorrem nos pátios, parques e salas de aula no qual corpos pulam, correm, giram e exploram. É nesse período em que as crianças manifestam-se plenamente em sua dimensão lúdica, experimentando possibilidades corporais, testando limites, criando narrativas, estabelecendo relações, construindo culturas infantis.

Entretanto, o brincar e a brincadeira ainda são vistos como não importantes para as formações com os profissionais da Educação Infantil e para as crianças. Nos cursos de nível superior a carga horária para esse componente segue em redução aumentando assim o desprestígio nesse segmento. Ao iniciar o tirocínio de co-docência me senti desafiada a pensar em uma formação para os estudantes da turma e futuros professores e também para as auxiliares de classe, objeto da pesquisa de mestrado. A ideia seria uma formação que refletisse a ludicidade como constituinte da infância.

O segundo desafio foi em como dar aulas para adultos? Nunca fiz isso antes, será que saberei como fazer? Será que terei repertório teórico? As crianças pequenas geralmente amam seus professores, será que serei aceita? Muitos pensamentos e muita ansiedade para esse momento. Antes das aulas iniciarem tive uma reunião com a professora titular do componente (co-autora na escrita deste texto) no qual me foi apresentado o cronograma do semestre, a ementa do componente e o planejamento semestral. Ela deixou aberto para que eu também levasse sugestões e me propôs construir com os estudantes oficinas com brinquedos e brincadeiras que pudessem ser desenvolvidas em outros espaços fora da sala de aula, a

exemplo na própria Universidade no evento mensal da UNEB Parque ⁴ou museus e/ou escolas com crianças da comunidade local.

Combinamos que eu conduziria o primeiro dia de aula. Pensei em uma dinâmica para apresentação e para compreender o que eles entendiam como ludicidade e o que esperavam do componente. Percebi que a turma em questão, que era uma turma do quarto semestre de pedagogia no noturno, era uma turma de trabalhadores. As pessoas iam direto do trabalho para a Universidade. Elas chegavam cansadas, famintas, às vezes cochilavam nas aulas e às vezes saíam mais cedo. Realidade diferente da minha que estudei pedagogia na mesma Universidade, mas no turno matutino.

As aulas precisavam ter um outro olhar. O olhar de quem começa a aula um pouco depois para que os estudantes pudessem fazer uma refeição e finaliza um pouco antes para que ninguém perdesse o último ônibus voltando para casa. Um olhar para as diversas formas de aprender. Um olhar para o outrem que precisaria construir conhecimento sobre determinada área da ciência durante as aulas, pois não haveria tantos outros momentos fora daquele contexto.

Então, para pensar nesse primeiro encontro precisei também de um aporte teórico, além das referências da ementa, consultei outros autores. Iniciei com a leitura do texto: Formação de professores e ludicidade: reflexões contemporâneas num contexto de mudanças. Que propõe discutir formações para professores na contemporaneidade pela via da ludicidade, texto de autoria de Lúcia Gracia Ferreira (2020). É um texto muito atual que traz uma reflexão para a formação dos profissionais da educação nos aspectos políticos e sociais.

Quando Ferreira (2020) aborda os aspectos sociais e políticos, dos vários autores citados a maior referência é Paulo Freire. Freire (2024) nos ensina a pensar em uma formação que também questiona, que problematiza, que reflete sobre a ação, que transforma a sociedade. Freire (2024) propõe uma educação que emancipa o indivíduo social e politicamente. Foi buscando inspiração em Freire (2024) que planejei as aulas para essa turma do tirocínio.

Para o primeiro dia propus uma dinâmica. Levei brinquedos variados como: bola, corda, bonecas, carrinhos, vídeo-game, jogo de botão, pião, revistas em quadrinhos e solicitei que voluntariamente cada aluno escolhesse um brinquedo que remetesse sua infância, se apresentasse para a turma, explicasse a escolha do brinquedo e também falar o que esperava do componente para esse semestre. Foi uma dinâmica com muita afetividade, pois muita gente

⁴ Evento que ocorre na UNEB campus-I, um domingo no mês, com voluntários que organizam brincadeiras e atividades lúdicas destinadas a crianças e jovens.

rememorou o período da infância e podemos discutir temas que foram surgindo como: brinquedo e gênero, brincadeiras de rua, tempo de brincadeiras, dentre outros.

Levei também a proposta do vídeo: A invenção da infância. Com a intenção de discutir concepções de infância, desigualdade social implicada no processo de desenvolvimento das crianças e o lugar da ludicidade nos diferentes contextos apresentados. O vídeo também foi um ponto inicial para um diálogo riquíssimo com a turma sobre infância e criança.

No segundo encontro conduzido por mim (houve outras aulas conduzidas pela professora titular), levei outras propostas de filmes como elemento motivador para conversarmos sobre brinquedos estruturados e não estruturados e brincadeiras de rua. Iniciamos com o curta: *Disque quilombola*⁵, que retrata crianças de duas comunidades distintas, uma comunidade quilombola e outra comunidade na periferia da cidade de Vitória - ES, brincando com brinquedos e brincadeiras não estruturadas, conversando através de um telefone sem fio. Para condução da conversa com a turma li um capítulo do livro: Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação de autoria de Walter Benjamin (2002).

No texto, Benjamin (2002) aborda sobre a criança explorar o mundo apropriando-se e construindo cultura através dos jogos, brinquedos e brincadeiras não estruturadas. Faz críticas a indústria voltada para as crianças e a massificação cultural bem como da sociedade do consumo. Fala também sobre brincar com *detritos*, em como as crianças percebem materiais que seriam descartados como potencial para transformação em outras coisas e discute a importância para o desenvolvimento infantil das crianças terem contato com tais elementos.

Também foi apresentado à turma o documentário: *Brincadeiras de rua*⁶, que retrata crianças em diferentes contextos, brincando com brincadeiras tradicionais nas ruas do Brasil afora. Intercalado com as cenas das crianças podemos ver e ouvir relatos de pessoas sobre brincar na rua, como era no passado e agora, além de profissionais abordando a importância do brincar, da cultura lúdica e de elementos como a figura do *café com leite*.⁷

O objetivo foi trazer para a turma a problemática da indústria voltada para o público infantil, o jogo simbólico, brinquedos não estruturados, brinquedos construídos com materiais alternativos, brincadeiras de rua brincadas coletivamente e a ludicidade e seus contextos no desenvolvimento infantil. Após assistir os dois vídeos, em roda de conversa, tivemos uma discussão calorosa sobre os temas apresentados e referendados pelo teóricos que pesquisam a

⁵ Disponível no youtube através do link: [Disque Quilombola](#)

⁶ Disponível no youtube através do link: [Brincadeiras de Rua \(Documentário\)](#)

⁷ A figura do café com leite nas brincadeiras aqui na Bahia faz referência às crianças mais novas que estão nas brincadeiras mas não são consideradas de verdade, pois são fracas ou novas demais para aquele jogo. Têm uma função pedagógica, pois elas acabam aprendendo a brincadeira e internalizando suas regras e no futuro deixam de ser café com leite.

infância e a ludicidade a exemplo a coletânea de artigos apresentados no livro: Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação organizado por Kishimoto (2011) e o texto de Walter Benjamin (2002)

Conversamos também sobre o que viria a ser ludicidade, jogo e brincadeira. Será que todo jogo é lúdico? Nesse mundo globalizado será que toda brincadeira é igual? Para localizarmos a ideia de ludicidade pretendida para esse componente utilizamos como referência um texto do professor Cipriano Luckesi que resumiu a ludicidade como:

... não existem atividades que, por si, sejam lúdicas. Existem atividades. Ponto. Elas serão qualificadas como lúdicas (ou não) a depender do sujeito que as vivencia e da circunstância onde isso ocorre. Então, rir de uma boa piada pode ser extremamente lúdico, mas alguém contar-nos uma piada, ao nosso ouvido, enquanto estamos a assistir uma conferência tem um caráter de invasão, desrespeito e chatice; certamente, nada lúdico. E, dessa forma, por diante. (Luckesi, 2014, p. 16)

Dialogar sobre o que vem a ser ludicidade foi a porta de entrada para falarmos sobre jogos, brincadeiras e cultura Lúdica. Tomamos o conceito apresentado por Brougère (1998, P. 20) que aborda o jogo e o brincar como elementos sociais presente na cultura infantil. O autor reforça que “brincar não é uma dinâmica interna do indivíduo, mas uma atividade dotada de uma significação social precisa que, como outras, necessita de aprendizagem”. O autor reforça que o jogo e o brincar estão dentro de um grupo de significações. Se um jogador não partilhar do mesmo grupo cultural de significações dificilmente compreenderá o jogo.

Toda essa reflexão acerca do que vem a ser jogo e brincar estava atrelada a próxima atividade programada para o semestre que seriam as oficinas de jogos e brincadeiras que os estudantes iriam preparar. E como somos seres sociais, o repertório escolhido também carregaria suas respectivas culturas lúdicas, que segundo Brougère (1998, P. 24) “O conjunto das regras de um jogo disponíveis para os participantes numa determinada sociedade compõe a cultura lúdica dessa sociedade e as regras que um indivíduo conhece compõe sua própria cultura lúdica”.

A Montagem das oficinas foi previamente sistematizada com objetivos e metodologia. Os jogos e brincadeiras deveriam se basear no repertório de todas as aulas já desenvolvidas no semestre e também baseado na Base nacional Comum Curricular - BNCC para ser desenvolvida na UNEB parque ou em outro espaço que tivesse um cunho educativo e/ou social, lúdico e que fosse desenvolvido com crianças de diferentes idades.

A turma se organizou em quatro grupos. A professora Margarete fez contato com alguns museus e ONGs. Devido a greve da Universidade só restaria mais um UNEB parque

até dezembro e para nossa logística seria melhor se os alunos desenvolvessem o projeto em outro espaço. O local escolhido foi o Museu de Arte Contemporânea da Bahia - MAC - BA. Os mesmos grupos da atividade externa que foram ao museu, também seria o grupo do seminário teórico-prático que ocorreria ao fim do semestre.

O dia para desenvolver as oficinas no Museu seria sábado. Para cada sábado no museu, dois grupos. A experiência no museu foi riquíssima para todos. Para muitos alunos foi a primeira vez nessa região da cidade (o museu fica no bairro da Graça, região nobre de Salvador) e primeira vez no MAC - BA. Cada grupo pensou em atividades distintas e para diferentes idades, dentre as atividades desenvolvidas tivemos: amarelinha africana, contação de história com construção de dedochê, uno um (a clássica brincadeira de elástico) pintura livre, dentre outras.

Nas semanas subsequentes, que antecederam os festejos natalinos, tivemos os seminários teórico-práticos. Foram os mesmos grupos que desenvolveram as atividades no museu. Para o seminários os grupos escolheram os temas dentre algumas sugestões levadas pela professora Margarete. O Grupo 1 escolheu o tema: O lúdico, seus fundamentos e as relações com a educação e a arte. O grupo 2: A ludicidade no contexto escolar para crianças com deficiência. O grupo 3: ludicidade na autoformação do adulto. E o grupo 4: A importância do corpo e movimento na educação infantil. Além de apresentar um aporte teórico sobre o tema escolhido, os grupos desenvolveram jogos e brincadeiras que agitou toda a sala e propiciou a participação e interação da turma.

Finalizamos o semestre com um lanche coletivo e auto-avaliação do grupo relatando também as contribuições do componente curricular para suas respectivas formação.

Dentre tudo que vi e vivi ao longo dessa experiência do tirocínio docente, um texto do professor Luckesi já mencionado aqui, me marcou muito, o texto tem o título: Ludicidade e formação do educador (2014). Luckesi é bem didático e direto na sua fala, mas, o que mais me chamou atenção é quando ele fala da ludicidade como experiência. E como essa experiência é da ordem do vivido, ela é individual. O que é lúdico para mim pode não ser lúdico para meu colega.

METODOLOGIA

Nesta seção abordaremos o caminho metodológico utilizado para este relato de experiência. Segundo Gil (2002, P. 17), a pesquisa é: “procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. A necessidade de fazer pesquisas surge do desconhecimento, de inquietações frente a um

problema, com o intuito de solucionar casos que impactam a vida da população em geral ou de uma comunidade específica.

Nas ciências humanas, muitas pesquisas podem funcionar como meio para transformações sociais. Pesquisar requer um olhar voltado ao seu problema de pesquisa, o diálogo com as pesquisas já realizadas e com as quais a pesquisa em desenvolvimento se relaciona, ou seja, a organização, o planejamento das etapas, o cronograma e a escolha de técnicas e métodos para alcançar os objetivos, integrando o investimento pessoal e financeiro.

Pensando nisso, essa pesquisa é qualitativa do tipo pesquisa exploratória, que para Lösch *et al.* (2023, P.9) “[...] é um tipo de pesquisa científica que tem como objetivo explorar, identificar e compreender conceitos, fenômenos ou relações que ainda são pouco conhecidos ou investigados”. Inicialmente a pesquisa exploratória segundo Lösch *et al.* (2023) na área de educação busca investigar uma problemática ainda pouco explorada, e sua relevância para esse campo teórico é uma tentativa de ampliar debates para pesquisas futuras. Geralmente a pesquisa exploratória é o ponto de partida para levantamento de hipótese buscando compreender o fenômeno.

Como instrumento para análise de dados utilizamos a pesquisa-ação, que para Hegel (2000, P. 2) “[...] procura unir à pesquisa a ação ou a prática. [...] é portanto uma maneira de se fazer pesquisa em situações em que se é também uma pessoa da prática e se deseja melhorar a compreensão dela.”

Inicialmente a pesquisa-ação não era utilizada na área de educação, mas percebeu-se, sua relevância para esse campo teórico na tentativa de unificar os conhecimentos adquiridos na academia com a prática na sala de aula objetivando melhor a práxis pedagógica. “Além da área educacional, a pesquisa-ação pode ser aplicada em qualquer ambiente de interação social que se caracterize por um problema, no qual estão envolvidos pessoas, tarefas e procedimentos.” (Hegel, 2000, P. 3)

A pesquisa-ação permite o professor pesquisar situações percebidas no dia a dia da sala de aula, participar ativamente da pesquisa e intervir diretamente na situação. É um tipo de pesquisa que possibilita a participação direta dos profissionais envolvidos, pois os mesmos, estão implicados na tentativa de solucionar problemas buscando resultados através da pesquisa e se percebendo como parte direta na intervenção dos mesmos.

Nesse sentido, foi utilizado o diário de campo do tirocínio docente como recurso para reflexão da pesquisa-formação para formação dos profissionais da Educação Infantil, nesse caso específico com foco na formação das auxiliares de classe e dos estudantes da turma de pedagogia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O período do tirocínio, foi um momento de reflexão sobre formação para profissionais da educação, insisto no termo *profissionais da educação*, pois além dos professores, as auxiliares de classe também estão atuando em sala de aula e precisam de formação continuada. Nos momentos de aula com os estudantes de pedagogia as inspirações provocadas por teóricos que pesquisam infâncias, crianças, lúdico, brincar nos ajudaram a refletir sobre sociedade e política e também em como formar profissionais da educação com criticidade.

A ideia é considerar tudo que foi pesquisado e discutido durante o período do tirocínio para a pesquisa de mestrado levando em consideração a dimensão formativa do próprio tirocínio. Compreender que as crianças se organizam criam e recriam as regras de um jogo por exemplo sem necessidade de controle de corpos, reflete-se diretamente nas práticas: ao invés de intervirem excessivamente controlando e direcionando as brincadeiras, ou de manterem-se distantes apenas *vigiando* a segurança física, as auxiliares desenvolvem sensibilidade para mediar de forma equilibrada observando atentamente, permitindo que as crianças criem suas próprias regras e solucionem conflitos, intervindo quando necessário mas respeitando o fluxo criativo infantil, ampliando repertórios sem escolarizar o brincar.

O fortalecimento da identidade profissional é outro resultado importante: auxiliares que historicamente foram desvalorizados e reduzidos a *ajudantes* passarão a se reconhecer como educadoras portadoras de conhecimentos específicos sobre as culturas lúdicas infantis, sobre mediação do brincar. O resgate de suas próprias memórias lúdicas e a valorização dos saberes que trazem de suas comunidades como: brincadeiras tradicionais, cantigas, formas de construir brinquedos com materiais simples contribuem para elevar sua autoestima e senso de pertencimento profissional.

Auxiliares que vivenciam processos formativos que incluem experimentações corporais, vivências lúdicas e resgate de brincadeiras conecta-se com sua própria dimensão lúdica, adormecida pela vida adulta disciplinada, e essa reconexão permite que se relacionem de forma mais autêntica e disponível com as manifestações lúdicas das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do tirocínio me fez refletir sobre como as auxiliares de classe, assim como as professoras, são as profissionais que no dia a dia das creches e pré-escolas, estão presentes nos momentos lúdicos não estruturados, naqueles tempos e espaços onde o brincar

acontece de forma mais espontânea e livre. No entanto, apesar dessa proximidade privilegiada com as manifestações lúdicas infantis, as auxiliares raramente são consideradas como público prioritário em processos de formação continuada voltados para a compreensão e o trabalho qualificado com ludicidade.

Pesquisar sobre ludicidade na formação dos profissionais da Educação Infantil corroborou para compreender as dimensões da cultura infantil. Brincadeira não é somente para a criança *gastar energia*, mas é direito fundamental que deve ser garantido nas instituições educativas. O repertório de brincadeiras se enriquece com a incorporação de jogos tradicionais brasileiros, brincadeiras das comunidades, cantigas populares, formas lúdicas que conectam as crianças com o patrimônio cultural imaterial e com as diversidades territoriais.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Editora 34, 2002.
- BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 18 de outubro de 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 19 de Outubro de 2025.
- BROUGÈRE, G. A criança e a cultura lúdica. In: **O brincar e suas teorias**. 1 Ed. São Paulo: Cengage Learning, 1998.
- CERISARA, A. B. **Professoras da educação infantil: Entre o feminino e o profissional**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.
- HENGEL, G.I. Pesquisa-ação. **Educar**, Curitiba, n. 16, p. 181-191, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/dDzfLYyDpPZ3kM9xNSqG3cw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 04 Ago. 2025.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática docente** 78. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.
- FERREIRA, L. G. (2020a). Formação de professores e ludicidade: reflexões contemporâneas num contexto de mudanças. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**, 1(2), 410-431, out/dez. 2020.
- HUIZINGA, J. **Homo ludens: O jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- KISHIMOTO, T. M. *at al.* **O brincar e suas teorias**. 1 Ed. São Paulo: Cengage Learning, 1998.
- KISHIMOTO, T. M. *et al.* **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 14 Ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- LÖSCH, S.; RAMBO, C.A.; FERREIRA, J.de L. A pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v.18, n. 00, e023141, 2023. e-ISSN:1982-5587. DOI:<https://doi.org/10.21723/riaee.v18i00.17958>. Disponível em:



<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/index> Acesso em: 04 Ago. 2025.

LUCKESI, C. **Revista entre ideias**, Salvador, v. 3, n. 2, p. 13-23, jul./dez. 2014.

OLIVEIRA, Z.M.R. *et al.* **O trabalho do professor na educação infantil**. 2. Ed. São Paulo: Biruta, 2012.

SILVA, Suzane Castro de Araújo. Formação de educadores: desafios e possibilidades para a práxis pedagógica na educação infantil. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.3, p. 21537-21554, mar. 2021.